

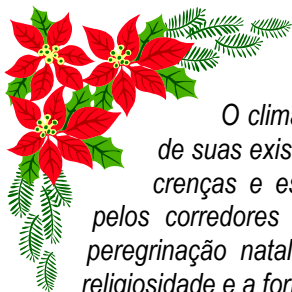


Editorial

*Para os que fazemos o **IHU On-Line** foi um desafio preparar este último número do ano de 2003 e que sai às vésperas do Natal. Como tratar do tema sem cair em modismos ou lugares comuns? Para isso serviu-nos de inspiração uma reportagem de capa da revista **Time**, de junho último, e que teve ampla repercussão internacional. Este mesmo periódico, que, na década de 1960, publicara uma reportagem de capa sobre a morte de Deus, hoje constata que Ele não morreu. Mas, se pergunta onde ele está. Ele está cada vez menos lá onde se deduz que esteja, isto é, nas igrejas, afirma a revista. Neste tempo de Natal também, como os pastores, os reis magos, os escribas e sacerdotes e Herodes, procuramos onde está o Cristo, o Filho de Deus. Gianni Vattimo, considerado um dos mais importantes filósofos europeus, nos ajuda, de maneira pertinente e instigadora, nesta busca. A entrevista que publicamos com exclusividade é mais um tento da competente equipe de comunicação do IHU. As outras entrevistas, de Patrícia Birman e Ricardo Mariano, a partir de outros pontos de vista, contribuem igualmente nesta busca. Não por acaso, sucede que, enquanto estávamos terminando a elaboração deste boletim, o tema de capa da **Folha de S. Paulo** de domingo, dia 14-12-03, é sobre o que alguns estudiosos estão chamando de “religião de criação” e “religião atual”. Para o jornal, “o movimento das almas também desenha a cidade de*

São Paulo". Por sua vez, o último número da importante **Revue du Mauss**, nº. 22, segundo semestre de 2003, é todo ele dedicado ao tema "Qu'est-ce que le religieux?". Tendo em vista o recesso da Unisinos entre o Natal e Ano Novo, este boletim voltará a circular no dia 12 de janeiro de 2004, tendo como tema a seguinte questão: até que ponto a realização dos Fóruns Sociais Mundiais contribuiu ou não para a renovação da esquerda contemporânea? Será um número especial. Depois a publicação do boletim será retomada no dia 1º de março de 2004, sempre às segundas-feiras. Com os votos de um Feliz Natal e um Ano-Novo de muita energia, desejamos a todos uma ótima semana e uma excelente leitura.

Inácio Neutzling
Coordenador do Instituto Humanitas Unisinos



EM CLIMA DE NATAL....

O clima que antecede o Natal, motiva as pessoas à reflexão, à introspecção e à avaliação de suas existências. A sensibilidade vem à tona e, com ela, aflora a religiosidade de cada um. As crenças e espiritualidades entremostram-se facilmente nos depoimentos de quem caminhava pelos corredores da Unisinos e proximidades na última semana. O **IHU On-Line** realizou uma peregrinação natalina em busca do que as pessoas têm a dizer sobre suas crenças, sobre sua religiosidade e a forma como as vivem e praticam.

Batizada na Igreja Católica e simpatizante da religião espírita, Jaqueline Fernandes, 22 anos, aluna do curso de Pedagogia e funcionária da Unisinos gosta de ler sobre religião. Ela considera a prática religiosa muito importante na vida das pessoas, pelo encontro com Deus num contato mais direto. "Quando eu rezo, tenho um diálogo aberto com Deus, não fico falando oração decorada, imposta pela Igreja e que não tem nada a ver com o meu sentimento. Deus é uma chama que está dentro de nós e que precisamos alimentá-la todos os dias. Temos que ter fé na gente mesmo para ter forças e seguir em frente. Deus é um guia nosso, para quem podemos recorrer a qualquer momento quando precisamos". Jaqueline critica as pessoas que dão valor para a fé apenas durante o Natal. "Durante o ano a fé fica apagada, ninguém dá importância. Devíamos cultivar isso nas crianças, para que todos pensem em Deus 24 horas, e não só no dia 25 de dezembro".

O aluno do curso de Engenharia Civil da Unisinos, Rodrigo Cardoso Kirchhof, de 24 anos, tem consciência de que, desde as primeiras horas da manhã, tudo o que lhe acontece provém de Deus. "Tenho com Deus uma espécie de diálogo, às vezes rápido, outras vezes, mais demorado. Ele pode ter qualquer forma física que quiser. Tenho fé de que Ele seja perfeito. Ele conhece mais de mim do que eu mesmo. Deus é o cara mais jovem do mundo, d'Ele vem a fonte da vida. Ele é o superjovem, nós é que envelhecemos". Quanto à contribuição do cristianismo para a sociedade, Rodrigo cita a Unisinos como um dos exemplos. "Se formos analisar historicamente, toda a nossa cultura ocidental é baseada no cristianismo e daí vieram as contribuições na arte, na religião, na literatura, etc. Mas a maior contribuição, que, às vezes, passa esquecida, é a nossa salvação. É justamente esse intuito de que Deus é Pai, nos ama, nos cuida e nos quer ver felizes. Ele não é um Deus carrasco, padrasto, é um Deus paterno."

Luiz Carlos Reis, 60 anos, policial civil, esperava por um ônibus na frente da Unisinos enquanto afirmava não pertencer a nenhuma religião, apesar de acreditar na existência de Deus, ou num ser superior. “Eu não acredito nas religiões que estão sendo formadas aí, uma em cima da outra. Tem tanta pessoa sendo explorada nesse sentido. Dentro de cada um de nós existe um Deus. Ele está na visão na natureza, nos pássaros, nos homens. É incrível, mas hoje mesmo a gente estava lá em casa conversando disso. Deus nos fez tão perfeitos que nós não queremos saber quem é Ele. Alguns acham que nós somos seres absolutos, mas nós dependemos de alguma coisa”. Luiz Carlos já tentou ingressar em várias religiões. Uma das únicas doutrinas que considerou boa foi a Assembléia de Deus. “Só que eu não segui, porque tinha muito corte, muita podaço. Então, preferi ficar com alguns ensinamentos da bíblia. Tenho uma bíblia e eu mesmo procuro ler e entender o que está lá escrito e rezo para ter um contato direto com essa perfeição que a gente não sabe de que maneira ela está. Essa é a minha religião hoje. Eu tenho para mim que as religiões são um freio na sociedade. Se ninguém cresse em alguma coisa, o mundo estaria pior do que está hoje. Todas as religiões têm um papel importante. O ser humano precisa ter medo de alguma coisa. A contribuição que as igrejas dão, é essa. O medo que a gente tem é do secreto que a gente não viu. Onde não existe religião, não existe mais medo. Eu agradeço em todos os Natais por esse mistério, por eu conseguir passar mais um Natal. Isso é muito bom, porque reúne, congrega a família. Eu já fui uma pessoa largada da família. Nessa época, eu sinto saudade de não ter feito muito mais por eles no tempo da minha juventude, quando minhas filhas eram pequenas ainda. Hoje minhas filhas estão grandes. Nós vivemos todos juntos, mas eu fico pensando por que, na minha juventude, quando minhas gurias eram nenês, eu não peguei, brinquei com elas e mostrei para elas: espírito de Natal é isso aí.”

Venilda Fischer, 31 anos, cabeleireira, aluna do curso de Psicologia da Unisinos contou ao boletim IHU On-Line que é católica, mas não praticante. Para ela, Deus é uma energia imensa. “Antes eu imaginava Deus como um velhinho. Depois do primeiro semestre da faculdade, mudei. Eu rezo à noite e gosto de ir sozinha à Igreja, porque me concentro mais e também, porque não gosto muito de missa. Eu também acredito nos anjos. Aconteceram coisas na minha vida, que podem ter sido coincidência, mas que me fizeram acreditar que existe uma força maior”.

O professor do PPG em Educação da Unisinos, Jaime José Zitkoski, de 35 anos, é católico porque acredita que os ensinamentos dessa religião são os melhores para sua vida. “Minha prática religiosa se dá no dia-a-dia, buscando, acima de tudo, seguir a ética cristã. Sempre que posso eu freqüento missas, principalmente nos finais de semana e dias santos. Procuro praticar no cotidiano, com as pessoas com quem convivo, aquilo que eu entendo como ética cristã. Para mim, Deus não é como aprendi na catequese, um velhinho que está lá no céu, fiscalizando a vida de cada um. Deus está presente na história, em cada ser humano, na natureza. A divindade não seria algo distante, do outro mundo. É claro que Deus é tudo isso, mas é mais que isso, transcende aquilo que a gente conhece. É um mistério, mas seu plano está presente na história, nas pessoas, e cada pessoa teria uma dimensão também divina. A ética cristã converge na busca da humanização, fazendo com que a sociedade procure uma vida mais humana, mais justa, de maior qualidade. Isso deveria ser respeitado pela consciência de cada pessoa, que soubesse seu dever, sem que outras precisem estar forçando, brigando ou fiscalizando para que ajam de certa forma. A humanidade hoje vive várias crises, mas a maior delas é a ética”.

Num diálogo animado e com as respostas na ponta da língua, Alexandra Chaves, de 6 anos, falou sobre sua fé, enquanto fazia um lindo desenho acompanhada da mãe, aluna da graduação em História da Unisinos:

Você acredita em Deus, Alexandra?

- Harämm. (balançando afirmativamente a cabeça)

O que é Deus para você?

- Deus é amor, carinho e... só.

Como você imagina que Ele é?

- Uma luz.

Por que você acha que Ele existe? Você já falou com Ele?

- Nãhum. (balançando negativamente a cabeça)

Você reza?

- Só rezo no colégio. Assim ó: Jesus menino, meu amiguinho, obrigado pelo dia de hoje, obrigado pela minha família, pela minha escola, pelos meus amigos.

Quando você reza assim, você acha que Ele está ouvindo?

- Sim, porque Ele ouve todas as pessoas, quando as pessoas rezam.

Onde você acha que Ele fica?

- No céu e aqui também na terra.

Se ele está na terra, porque não O vemos?

- A gente não vê porque Ele é ... transparente.

Você já foi à missa alguma vez?

- Já.

E achou legal?

- Não, muito ruim, porque aquelas músicas lá tristes...

De noite, antes de dormir, você não reza?

- Me esqueço. Eu quero rezar, só que me esqueço.

Tiago Moreira Guedes, 13 anos, guardador de carros nas proximidades da Unisinos, estudante da 4ª série, falou sobre fé enquanto manobrava os carros. “Eu Acredito em Deus. Mas não sigo nenhuma religião. Meus pais eram de uma religião, mas depois se desviaram, se separaram e eu e alguns de meus irmãos moramos aqui em São Leopoldo com minha mãe, meu irmão mais novo ficou lá com meu pai. Mas o pai bate nele e batia em nós. Eu falo com Deus e falo também dessas coisas. Às vezes, rezo as orações que aprendi. O Natal é algo normal, só que parece um dia de mais alegria”.

Fernanda Piva Gomes, 26 anos, aluna do curso de Direito da Unisinos, não pratica nenhuma religião. “Sou católica, fui batizada, me crismei, fiz catequese, tudo o que eu tenho direito, mas não vou na missa. Acredito em Deus, e o ato de rezar é uma coisa muito minha. Não sigo muito um padrão. Toda essa coisa do espírito de Natal faz com que a gente pense mais em Deus e fique mais sensível”. Fernanda diz que o cristianismo trouxe e traz muitas coisas boas, como a fé, mas que a Igreja, sem dúvida, trouxe muitas coisas ruins. A jovem argumenta que, por mais que tenham aparecido vários outros tipos de religião, a católica ainda é muito forte, mas que está na hora de a Igreja se renovar um pouco. “Eles não conseguem acompanhar muita coisa. A tendência é se renovar ou as pessoas vão acabar saindo fora ou indo para outros tipos de religiões, buscando uma alternativa que se adeque mais à realidade. Eu vivo a minha religião e penso que cada um tem que procurar o que é melhor para si”.

A descendente de italianos Eulália Lazzarotto, 81 anos, dona de casa e aposentada, veio de Caxias do Sul para acompanhar sua neta na matrícula na Unisinos e conhecer o Câmpus. “Se eu acredito em Deus? Mas é claro! Eu assisto o rosário na televisão, quando estou em casa sozinha. Minha filha e duas netas moram comigo. Eu fico rezando, vendo na televisão, elas passam aí e nem olham, nem fazem caso. Nada de religião. Falta alguma coisa para elas. A gente ensina, explica e não adianta. Elas fazem o que elas querem. Quando eram pequeninhas a gente ensinava, mas depois de grandes, mudou muito. Acho que Deus já está cansado de ver essas coisas. Desiludido. Coisa assim, é brabo, mas mesmo assim continuo tendo fé, até morrer”. Dona Eulália acredita que, no Natal, todo o mundo só pensa em festa. “Não, ninguém pensa em Deus. Os velhos pensam, mas os netos e os filhos mais novos, eles querem tudo diferente, sei lá eu, eles não acreditam mais em nada. Eu gosto de Natal, de Papai Noel. Quando eu era pequena, então, aí... Até os treze anos eu acreditava em Papai Noel, sim. Minha mãe botava os pratinhos na mesa de noite, tudo com florzinha em redor, e durante a noite ele trazia os presentes. Nós éramos entre sete irmãs. Hoje uma criança com cinco anos acho que nem mais acredita nisso. Eu acredito em tudo que a fé manda no Natal”.

Carolina Vieira Bonilla Deon, 29 anos, professora do Centro de Ciências Jurídicas da Unisinos, é batizada e crismada na religião católica, mas aceita, respeita e admira a multirreligiosidade brasileira, na qual convive-se pacífica e harmoniosamente, num exemplo ao mundo. “O cristianismo, como as demais crenças, em um contexto geral, proporciona ao ser humano o desenvolvimento de princípios alicerçados na busca de retidão, o que é, foi e sempre será benéfico para a estrutura social. Acho que a fé é um estado de espírito e nos concede, por meio da oração, amparo, consolo, ânimo e esperança”. Para a professora, o Natal é um momento de contabilidade interna, um espaço de reflexão.

Ó PAI, ONDE TU ESTÁS?

*Sob formas imprevisíveis e em lugares inesperados, a fé está reaparecendo na Europa. Simultaneamente, o cristianismo está se tornando uma fé minoritária, a frequência à Igreja cai, os escândalos e a rigidez da doutrina afastam as pessoas. Mas a pergunta: “Para onde foram Deus e a fé Cristã?” ainda é pertinente. O assunto é abordado por Jeff Chu, em artigo de capa, tendo esta pergunta como título, da revista **Time** de 12 de junho de 2003. O **IHU On-Line** resumiu o texto, cujo original foi traduzido pela professora Dr^a Cleide Cristina Scarlattelli, do Centro de Ciências Humanas da Unisinos, à qual agradecemos.*

Surpreendida entre a história e a modernidade, a catedral de Chartres, localizada nas planícies da França central é emblemática ao cristianismo europeu contemporâneo. Queimada e reconstruída muitas vezes, desde o século nove abriga o Véu da Virgem Maria, um pedaço de seda que teria sido usado pela santa quando Jesus nasceu. Com suas 172 janelas de vitral, sua arquitetura impressionante, a catedral foi sempre um lugar sagrado para os católicos romanos. Trata-se de uma relíquia “de uma época em que bispos coroavam reis, e reis coroavam conquistas, construindo monumentos para a fé deles”. Hoje, submete-se à visitação de curiosos turistas que oscilam entre a vulgaridade e a ignorância, indagando sobre o significado das expressões Antigo e Novo Testamento, circulando em trajes de praia, às vezes conduzindo cães (quando não os deixam soltos). Mas a portentosa catedral também é procurada por “alguns inflamados fiéis” e por “muitos que sentem uma atração indistinta e indescritível”. Mesmo sendo vista como um museu pela maioria dos visitantes, Chartres mantém-se como “um lugar vivo, uma comunidade religiosa” atesta a diretora do centro de acolhida da igreja, Marie-Josèphe Deboos.

A vida paroquial está morta

Em sua glória antiga e decadência como lugar sagrado, Chartres espelha a igreja em sentido amplo – católica, anglicana, ortodoxa, independente – e seu dilema não é novo. Em 1996, a revista *Time* indagava: “Deus está morto?”, dando seqüência a uma questão que perdura. Todavia, Ele não está morto, embora não esteja nos lugares antigos. Cabe. Então, perguntar: para onde foram Deus e a fé Cristã? Sabe-se há muito que as instituições do cristianismo declinam. Agora, é consenso que isso ocorre aceleradamente. “ ‘A vida paroquial está essencialmente morta’, admite um superior hierárquico do Vaticano”. Na Grã-Bretanha, a freqüência à Igreja caiu mais de 30%, desde 1980. No mesmo período, as filiações declaradas às religiões caíram mais de 20% na Bélgica; 18% nos Países Baixos e 16% na França. O cristianismo continua a principal religião européia, com cerca de 550 milhões de adeptos, mas perdeu mais do que 1/3 dos fiéis desde 1978.

Muitas vezes, a igreja tem sido o seu pior inimigo. Julgadora e enfática sobre um Deus mais do que tudo temível, ela “ ‘foi uma força opressiva’ ”, afirma Willie Walsh, Bispo de Killaloe. Ela apoiou regimes brutais – como o franquismo espanhol – e tem bloqueado o debate sobre os escândalos de pedofilia. Mas a igreja começa a se aceitar como uma força minoritária. Na Irlanda, apenas um padre jesuíta será ordenado este ano. Conforme o relatório *Third Wave of the European Values*, da Universidade de Tilburg, da Holanda, somente na Irlanda, Malta e Polônia mais de 50% das pessoas vão à igreja semanalmente. E na França, na Grã-Bretanha, na Alemanha, na Espanha e Países Baixos, mais de 50% das pessoas sondadas declararam que a religião não é importante para elas.

Deus tornou-se privado

Antes entrelaçada com os estados e a história européia, a igreja vai perdendo suas ligações oficiais com os governos. O projeto da Constituição da União Européia, em debate, abdica de mencionar Deus. Na maioria, os países europeus não têm mais religiões oficiais; há pressões na Grã-Bretanha e na Noruega, onde elas persistem, para separar a Igreja do Estado. As escolas públicas não ostentam mais o crucifixo em suas paredes, enquanto o debate sobre o uso do véu muçulmano ilumina os esforços pluralistas de uma sociedade para não excluir qualquer religião ou cultura. Os dias do cristianismo como religião oficial acabaram.

Estranhamente, a fé está sobrevivendo à igreja. Como os Estados, os cidadãos repensam as suas relações com o clero e ajustam suas relações com Deus. Mas Ele está presente para muitos. Alguns, aqueles “capazes de distinguir entre a mensagem e seus imperfeitos mensageiros humanos, ainda O encontram onde eles sempre O encontravam – na Igreja”. Outros não a freqüentam, mas acreditam em Deus e valorizam a religião. O mesmo relatório *Third Wave* mostra que na Europa, à exceção da Holanda e da República Checa, mais de 70% considerou importante o ritual religioso na hora da morte, e um percentual semelhante das pessoas sondadas disse o mesmo em relação ao casamento. Perdura um “anseio por algo além”, e uma sensibilidade religiosa, embora acompanhada de “uma perda de tradição e do fundamento do conhecimento”, como assinala Grace Davis, da Exeter University.

Deus está entre os jovens

A fé tornou-se mais privada e pessoal; por isso, é pouco visível e discordante da ortodoxia cristã. Mas está crescendo em alguns lugares, especialmente entre os imigrantes e a juventude. O Dia Ecumênico da Igreja, em Berlim, no mês passado [maio] reuniu mais de 200 mil jovens, em uma comemoração que se estendeu por cinco dias. Hinos tradicionais misturaram-se com leituras em polônês, árabe, suaile e coros contemporâneos. Sete mil pessoas foram ouvir o teólogo Hans Küng falar sobre o tema “Por que ser um Cristão hoje?”. Um milhão de católicos

invadiram Paris em 1997, para as celebrações do Dia Mundial da Juventude. Em 2000, dois milhões reuniram-se em Roma, celebrando o Jubileu do evento. Anualmente, mais de cem mil jovens visitam a comunidade monástica fundada por Roger Schutz-Marsauche no povoado Burgundy de Taizé, que se transformou em um lugar de peregrinação ecumênica. O número de visitantes é crescente. São jovens que acham a vida “muito complicada”, querem desfrutar da paz local e partilhar suas esperanças e dúvidas, segundo constata o Irmão Emile, integrante da comunidade. Como a Europa tornou-se menos religiosa, esperava-se que o mesmo ocorreria com a sua juventude. Assim foi em alguns países - como na Grã-Bretanha, na Espanha e na Holanda -, mas há um evidente aumento da religiosidade entre os jovens, de acordo com o sociólogo francês Yves Lambert. Na Dinamarca, o percentual de jovens de 18 a 29 anos que professam uma crença em Deus saltou de 30%, em 1981, para 49%, em 1999; na Itália, de 75% para 87%; na França, onde é elevada a proporção de ateus, de 44% para 47%. “ ‘É uma abertura que não tínhamos há anos’ ”, diz o bispo sueco Martin Lind de Linkköping.

Deus tornou-se amigável

Igrejas como a evangélica “Palavra de Fé”, em Paris, reúnem predominantemente fiéis originários de outros países. Eles vêm da Índia, do Congo, da Costa do Marfim, da Martinica, e até dos Estados Unidos. Encontram-se ao entardecer, diariamente, e aos domingos. Vestem suas melhores roupas. Procuram e encontram conforto espiritual e conselhos. Florescem em todo o continente congregações de imigrantes, dando guarida a pessoas que defendem suas devoções e costumes morais em um país culturalmente adverso. Ao se mudarem para a Europa, observa Joel Edwards (nascido na Jamaica), diretor geral da Aliança Evangélica Britânica, os cristãos caribenhos e africanos “ ‘trazem com eles hábitos do coração’ ”. Nesses casos, a igreja “ ‘pode ser uma fonte de consolo’ ”. Na opinião de Bernardette C. Hayes, socióloga da Universidade de Queen Besfast, “ ‘pode ser um bom centro de emprego e um lugar onde você encontra solidariedade entre pessoas semelhantes’ ”.

Deus tornou-se amigável. Arto Anturri, diretor da Thomas Community, na Finlândia, desenvolveu um antídoto para as cerimônias cristãs burocráticas, os monótonos sermões, os bancos desconfortáveis. Todos os domingos, em Helsink, realiza-se a Missa de Thomas, uma cerimônia ecumênica onde os freqüentadores participam lendo escrituras, tocando música, lavando os copos da comunhão, fazendo chá e café. A prática da aproximação e do questionamento despertou o interesse pela Missa, que reúne mais de 800 pessoas e inspirou dúzias de igrejas nórdicas. Mesmo o horário – a Missa de Thomas começa às 18hs30min – foi um tema discutido, reconhecendo-se que as pessoas não se dispunham mais a comparecer à igreja nos domingos pela manhã. Outras igrejas, na Europa, oferecem cerimônias religiosas de 30 minutos na hora do almoço ou estudos bíblicos no café da manhã, durante a semana.

Deus tornou-se alternativo

Não por acaso, os movimentos e igrejas que estão crescendo preocupam-se com aspectos como a acessibilidade, o horário, o estilo. Assim procede o curso Alpha, uma sessão de 15 minutos de introdução ao cristianismo, lançado em 1992 pela Holy Trinity Brompton (HTB), uma igreja evangélica londrina. O curso difundiu-se em 38 países europeus e em 96 de outros continentes. Suas sessões começam com um jantar informal, seguido de cantos, orações, conversas em grupos de dez a 12 pessoas. Os debates abrangem temas que vão da lasanha à teologia. Direção, companheirismo, firmeza, comunidade e pertença, em um mundo em fluxo, são algumas razões do sucesso dos cursos Alpha. Como no caso da Missa de Thomas, seus condutores estão atentos ao marketing, à “embalagem”. “ ‘A sociedade mudou’, diz o pastor da

HTB e o fundador de Alpha Nicky Gumbel. ‘Nós não precisamos mudar a mensagem mas nós precisamos mudar o modo como nós a comunicamos’ ”.

“Em Londres, a paróquia anglicana de ST James de Piccadilly tem um programa popular chamado *Alternatives*, que oferece conferências e oficinas sobre uma rica seleção de reinos espirituais não ortodoxos para enfatizar a ‘radical inclusividade’ do evangelho”. Na Escandinávia, algumas igrejas criaram *Rainbow Masses* (para gays) e *Sophias Masses* (para feministas). Fora do contexto coletivo, as pessoas constroem seus próprios sistemas de crença reunindo, por exemplo, elementos do budismo ou do hinduísmo. Trata-se de um cristianismo à *la carte*. Milhões de pessoas desenham seus percursos espirituais, orientando-se nos websites ou nas prateleiras da *new age* das livrarias locais.

Como traduzir modernamente a fé cristã?

Tamanha não-ortodoxia preocupa algumas lideranças da igreja, que não parece disposta a se curvar tanto. Elas reconhecem que a igreja precisa conhecer a cultura moderna e nela entrar, mas consideram um erro atrair pessoas diluindo a mensagem do cristianismo. Sabem que é preciso traduzir a fé cristã nas linguagens de vida da Europa Moderna, pluralística e liberal. Lembram que, através dos séculos, a igreja achou modos de expressar os dogmas da fé. Mas o que deve ser feito? Honrar a humanidade do seu clero e permitir que os padres casem, ampliando suas fileiras? Assumir quais posições frente ao divórcio e à homossexualidade? Os obstáculos são enormes, mas a igreja está consciente de sua própria pecaminosidade e fragilidade, está “mais aberta e honesta”, como diz o Bispo Walsh, da Irlanda, buscando argumentos encorajadores.

Também os fiéis podem ter coragem. Deus pode não estar mais nas Constituições dos países europeus, mas Ele ainda está por toda a Europa. A fé resiste, mesmo em lugares como a Catedral de Chartres. Entre os mochileiros - que não conseguem percebê-la como um tributo a Deus - e seus cachorros ocasionais, centenas de fiéis rezam diariamente a oração que os cristãos há séculos carregam em seus lábios: “Teu é o reino, o poder e a glória, para sempre. Amém”.

O CRISTIANISMO É A RELIGIÃO DA PÓS-MODERNIDADE

Entrevista com Gianni Vattimo

Gianni Vattimo, filósofo italiano e deputado do Parlamento Europeu é professor de Filosofia na Universidade de Turim, considerado um dos maiores filósofos europeus, é autor de inúmeros livros, entre os quais destacamos ***La fine della modernità. Nichilismo ed ermeneutica nella cultura post-moderna: un significativo contributo all'attuale dibattito filosofico*** (1985) (***Fim da Modernidade. Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna: uma contribuição significativa ao atual debate filosófico***, São Paulo: Martins Fontes, 1996), ***Il pensiero debole*** (***Pensamento fraco, não traduzido para o português***), ***Credere di Credere*** (1996) (***Acreditar em Acreditar***, Lisboa: Relógio D'água, 1998); a tradução francesa intitula-se ***Espérer Croire***, Paris: Seuil, 1998) ***La Religion: séminaire de Capri*** (em colaboração com Jacques Derrida), Paris: Seuil, 1996. O último livro de Vattimo é ***Dopo la cristianità. Per un cristianesimo non religioso***, Roma: Garzanti, 2002. (Depois da cristandade. Por um cristianismo não religioso, ainda não traduzido para o português). Este livro e o ***Credere di Credere***, serão tema de uma oficina a ser ministrada no ***Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI***, a ser realizado na Unisinos, de 24 a 27 de maio de 2004.

De Gianni Vattimo, publicamos um artigo no ***IHU On-Line*** número 53, de 31 de março de 2003 e outro no número 80, de 20 de outubro de 2003.

O filósofo concedeu entrevista exclusiva ao **IHU On-Line** por telefone, na última quinta-feira, falando do seu gabinete no Parlamento Europeu, na Bélgica.

IHU On-Line- Como o senhor caracteriza o que chama de sociedade pós-metafísica?

Gianni Vattimo - Eu desenvolvo a idéia de pós-modernidade ao interpretar a metafísica ou a modernidade como uma visão da história que parte de uma idéia de desenvolvimento no qual o pensamento europeu-ocidental tem uma condição diretiva. Uma vez que saímos do século XX, quando se revoltaram os países coloniais, essa idéia de um único progresso humano no qual o Ocidente é ponto máximo, entrou em crise. Cada civilização tem-se revelado como uma cultura autônoma que tem sua própria história e é arbitrário incluí-las num único curso onde nós somos os desenvolvidos e os outros, os primitivos. No nosso mundo atual, não há mais uma civilização modelo, não há um critério objetivo, há uma multiplicidade que nos caracteriza.

IHU On-Line - Qual é o papel do cristianismo nessa civilização múltipla?

Gianni Vattimo - O cristianismo é a religião que aceita e limita as pretensões das outras religiões inclusive dela mesma. Limita quando se apresenta como a melhor, a exclusiva. Aceita porque, no cristianismo, está o princípio de que tudo pode ser mudado na história da interpretação do Evangelho, menos a caridade. Como religião da caridade, o cristianismo é a religião da pós-modernidade, no sentido que nega a idéia idólatra de que haja uma direção unitária verdadeira na história. A única direção verdadeira e unitária da história é a que nega exatamente isso. A religião do outro, da abertura ao outro, da caridade, isso é fundamental e decisivo. Penso que a idéia mesma de multiculturalismo que existe principalmente na cultura ocidental é de origem cristã. Há um ditado, atribuído a Aristóteles, que diz "sou amigo de Platão, porém, mais amigo da verdade". Esse ditado foi revolucionado pelo cristianismo: sou amigo da verdade, porém, mais amigo de Platão, ou seja, da pessoa. Não posso excluir ou matar alguém porque não diz a verdade. O multiculturalismo é um produto tipicamente cristão na cultura ocidental. Embora, quiçá a Igreja Católica e as cristãs não o tenham entendido nesse sentido.

IHU On-Line - Em que consiste o cristianismo não religioso do qual o senhor tem falado?

Gianni Vattimo - Não tenho idéias muito claras ainda, porque não posso imaginar uma transmissão das verdades cristãs sem as igrejas. Mas, gostaria de uma Igreja mais aberta e menos autoritária. Mais aberta às comunidades e tradições locais. Mais aberta às contaminações, no sentido literal da palavra, às misturas. O próprio Cardeal Ratzinger já não afirma mais o que antes se acreditava, que "fora da Igreja não há salvação". Quando o Papa se encontra com Dalai Lama, ele não se preocupa em convertê-lo ao catolicismo, seria absurdo. Os dois sentam como duas pessoas que trabalham largamente em um mesmo marco de espiritualização da vida. Isso não significa que eu creia menos em Jesus Cristo, mas tenho comprometida minha vocação cristã ao interior de minha cultura. Eu, através do cristianismo, descubro também a possível verdade das outras religiões.

IHU On-Line - Para onde foi o Deus rígido, do juízo final, controlador e exigente?

Gianni Vattimo - Eu parto na minha reflexão sobre Deus da noção de *kénosis*, do abaixamento de Deus, que é um termo que utiliza São Paulo na carta aos Filipenses⁽¹⁾. Ele abaixou-se até o

¹ .- Vattimo se refere ao hino cristológico de Paulo na Carta aos Filipenses, 2, 5-11. *Kénosis*, em grego, que ocorre no versículo 7, é traduzido de várias formas: aniquilamento, rebaixamento, despojamento. A mais recente tradução da Bíblia, editada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em 2001, traduz assim:

ponto de se fazer homem e morrer na cruz. Esse é um conteúdo essencial do cristianismo. Não é somente um meio de comunicação como se Deus se tivesse travestido de pobre, mas finalmente é uma outra coisa. Ele mostrou-nos que a redenção da violência se pode realizar somente através de uma auto-redução muito profunda e muito radical.

IHU On-Line - Que dificuldade encontramos na pós-modernidade para viver o evangelho dessa maneira?

Gianni Vattimo - A idolatria nunca terminou. Quando dizemos que as leis do mercado são definitivas, absolutas, ou que a necessidade de desenvolvimento do PIB é lei, estas são maneiras de ser idólatras. É idólatra também o consumo excessivo, a idéia de enriquecimento sem limites. A violência sempre se renova. O pecado original não tem nada a ver com a história de uma maçã entre Adão e Eva: Há em nós uma vontade de afirmação individual. Isso é o que toma sempre novas formas. Hoje tem a forma, inclusive, do absolutismo dos direitos humanos. Quando Bush bombardeia os iraquianos para impor a democracia, isto é uma forma de idolatria. Quando se tenta ser mais amigo da verdade que de Platão, se cai na idolatria de um objeto que pode justificar que eu mate meu próximo.

IHU On-Line - Qual foi a contribuição dada pelo cristianismo à política e à democracia?

Gianni Vattimo - Uma contribuição determinante. Não consigo imaginar uma democracia moderna inspirada somente na grega, porque essa democracia da *polis* grega consistia em cem pessoas discutindo na *ágora*, deixando de fora as mulheres, os escravos etc. Essa contribuição foi importante, mas, sem o aporte do cristianismo, a democracia talvez nunca tivesse tido lugar no Ocidente. Quando falo em contribuição do cristianismo à democracia, sou consciente de que isso aconteceu contra, inclusive, a atitude explícita, da Igreja católica. Eu penso, por exemplo, que, quando os revolucionários franceses mataram o rei no final do século XVIII, e a Igreja os excomungou, foram mais cristãos os revolucionários. Há uma presença da mensagem cristã, no profundo da tradição européia e ocidental que trabalha, muitas vezes, contra as atitudes explícitas da Igreja.

IHU On-Line - Para onde caminham as instituições religiosas mais tradicionais?

Gianni Vattimo - Interessa-me muito o pensamento de Joaquim de Fiore, esse místico medieval que dizia que há idades no desenvolvimento do cristianismo. Nós estamos chegando à idade do espírito, uma interpretação menos literal do evangelho em favor de uma leitura mais mística. Quando digo que ninguém hoje pode imaginar que os povos têm que se converter ao catolicismo para se salvar, quero dizer que se impõe uma civilização multicultural, uma visão que eu chamaria mais mística e menos institucional do cristianismo.

IHU On-Line - Que características está adquirindo o retorno ao religioso na Europa e no mundo?

Gianni Vattimo - Nesse retorno ao religioso, há também um componente reacionário como voltar-se para a família porque se tem medo do mundo, voltar-se à comunidade fechada etc. Mas, o retorno ao religioso inclui culturalmente a pós-modernidade, a dissolução dos metarrelatos, a possibilidade de devires religiosos fundados sobre a dissolução da metafísica, quer dizer a dissolução dos fundamentos rígidos. Haveria, então, duas tendências.

“Ele (o Cristo), existindo em forma divina, não considerou como presa a agarrar o ser igual a Deus, mas despojou-se, assumindo a forma de escravo e tornando-se igual ao ser humano”. (Nota do IHU On-Line)

IHU On-Line - Qual delas predominará?

Gianni Vattimo - É difícil saber. Se se desenvolve uma situação de violência exterior no mundo como o terrorismo, a guerra, a tendência vai ser regredir, voltar a se fechar. Inclusive na Europa, se assiste a um retorno das nacionalidades, do regional e do local, por exemplo. Isso é perigoso, porque pode dar lugar ao retorno de uma civilização fechada, a conflitos de grupos.

IHU On-Line - Sua visão é mais favorável a uma globalização, claro que em termos diferentes, da que estamos vivendo?

Gianni Vattimo- Sim. Uma globalização democrática, e não só econômica. Efetivamente a globalização tem muitos problemas. Eu sou contra um mundo totalmente unificado como o que está se vislumbrando hoje, porque se não há outro pólo de poder no mundo frente ao poder americano seremos um único estado cosmopolítico, mas como não se pode disciplinar o mundo todo, advém um estado terrorista, efetivamente. Eu prefiro um mundo com alguns pólos de poder que oscilem. Por isso trabalho para a União Européia, penso nisso com esperança.

IHU On-Line - Qual é a importância da teologia pública, ou seja, uma teologia que não seja para a formação de quadros eclesiais, e sim que se deixe interpelar pelas outras ciências e as interpele?

Gianni Vattimo - Parece-me fundamental. Eu sempre disse isso nas universidades italianas. Nas universidades alemãs e na Europa do norte, os teólogos estudam nas universidades públicas, mas, na Espanha, na Itália, na França, as Faculdades de Teologia são especificamente para formar clérigos, e não são públicas e tudo isso faz com que não haja uma comunicação entre o discurso teológico e o discurso secular. Isso é um dano para ambos os discursos.

IHU On-Line - Em que causas o senhor está mais envolvido e quais as que mais o preocupam?

Gianni Vattimo - Neste momento, na Itália, me sinto comprometido com um trabalho de secularização da Igreja, no sentido de que a Igreja italiana permanece muito empenhada em influenciar a política. Temos agora, no parlamento italiano, uma discussão sobre a fecundação assistida, questões de bioética, estatuto do embrião, etc. A mim, me parece que a Igreja tende a fazer de sua concepção moral, que eu respeito, e tento também praticar, leis do Estado. Tende a não distinguir o pecado do crime legal. Isso é um regresso reacionário e de direita da atitude da Igreja, semelhante ao governo Berlusconi, um governo que não é fascista, porque Berlusconi é um comerciante, que necessita vender mercadorias, mas que pode virar, porque a direita está no governo e, em um momento, talvez, de tensão social acentuada no futuro pode se transformar num governo autoritário. Estas duas coisas agora na Itália me preocupam muito. Tenho uma atitude de compromisso religioso frente a estes problemas, que me parece necessário para salvaguardar o cristianismo na Itália. Não digo que dependa de mim, mas faço o que posso.

IHU On-Line - Como o senhor vê o Brasil?

Gianni Vattimo - Quando Lula ganhou, muitas pessoas da Europa ficaram com grandes esperanças. O caminho para construir uma Europa autenticamente européia, autônoma, independente é encontrar uma aliança com países relativamente independentes dos EUA, não para fazer uma guerra contra eles, e sim para construir um mundo onde a solidariedade e a democracia sejam mais aceitas que nos EUA. O terceiro mundo é determinante, inclusive para Europa, para se sentir menos dependente dos Estados Unidos.

IHU On-Line - Que mensagem de Natal o senhor nos deixaria?

Gianni Vattimo - No Evangelho de João, Jesus disse que não nos chama de servos e sim de amigos⁽²⁾. Nós podemos nos tornar amigos de Deus na medida em que somos amigos entre nós. Eu penso que Jesus dizer que, quando dois ou mais estão reunidos em seu nome, ele está lá, quer dizer, que ele está somente lá, onde nós estamos reunidos. Não é que Deus esteja na Igreja e também se apresenta quando nós estamos reunidos. Está somente na Igreja no sentido grego da palavra. Não existe Deus fora da caridade inter-humana. Isso é Natal.

RELIGIÃO, POLÍTICA E CLIENTELISMO

*Patrícia Birman é psicóloga, mestre e doutora em Antropologia Social, pela UFRJ, com tese intitulada **Fazer estilo criando gêneros** e Pós-Doutora pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, EHESS, Paris, França. É autora dos livros **O que é Umbanda?**. São Paulo: Brasiliense, 1982 e **Fazer estilo, criando gêneros. Possessão e diferenças de gênero em terreiros de Umbanda e Candomblé no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995; e acaba de lançar o livro que organizou **Religião e Espaço público** (São Paulo: Atar Editorial - Col. Antropologia Movimentos Religiosos do Mundo Contemporâneo - 2003). A antropóloga respondeu algumas questões por e-mail ao **IHU On-Line** na última semana, conforme entrevista a seguir. Atualmente, Patrícia é professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Ela foi debatedora, ao lado de Reginaldo Prandi, do GT 18 – Religião e Sociedade, durante o 27º Encontro Anual da Anpocs, realizado em Caxambu, Minas Gerais, de 21 a 25 de outubro de 2003.*

IHU On-Line- Aponta-se um despertar religioso ou "retorno" ao religioso no final do século XX, início do XXI. Que características esse retorno adquiriu ou está adquirindo no Brasil?

Patrícia Birman- Não acho que esteja havendo um retorno, porque não acredito que a sociedade brasileira tenha "saído" do religioso. Há trabalhos recentes que abrem novas perspectivas analíticas quando apontam como "sociedade" e "religião" se constroem reciprocamente em diferentes circunstâncias. Por exemplo, o livro recente de Emerson Giumbelli, *O fim da religião*³. Mas, sem dúvida, as modalidades do religioso e de suas relações com a sociedade brasileira estão mudando. Eu diria que, sobretudo chama atenção as transformações que se dão nas formas de relacionamento do religioso com a esfera pública. Recentemente, lançamos um livro coletivo sobre este tema "Religião e Espaço Público".

IHU On-Line- Que modificações está havendo nas religiões cristãs e afro-brasileiras?

Patrícia Birman- Está evidente para todos que houve um crescimento do pentecostalismo no Brasil, e este se fez contribuindo de forma importante para dar visibilidade à religião no espaço público, que, até há pouco tempo era considerado como um espaço católico. As disputas pela ocupação destes espaços de maior visibilidade e de maior possibilidade de intervenção na sociedade estão aumentando. Vejam-se, por exemplo, as disputas pela mídia, pelos shows, etc. entre várias igrejas como a Universal, a Católica. As modalidades religiosas afro-brasileiras diminuíram a visibilidade que tinham no Rio de Janeiro, mas parecem ter se reforçado em outros lugares, em conexão com outras atividades, como, por exemplo "cultura", o "patrimônio"

² Aqui Vattimo se refere ao evangelho de João 15, 14-15. Este texto, juntamente com Filipenses 2, 7 são trabalhados intensamente no livro **Credere di Credere**. (Nota do IHU On-Line).

³ GIUMBELLI, Emerson. **O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França**. São Paulo: Editora Attar/Pronex, 2002. (Nota do **IHU On-Line**)

valorizado pelos circuitos turísticos. A Bahia é um exemplo claro disso onde a Bahiatursa parece ter muita importância na construção de uma imagem afro-brasileira da baianidade como produto cultural e religioso. Vários autores têm trabalhado sobre diferentes aspectos das identidades religiosas e suas conexões culturais. A dimensão religiosa de atividades turísticas, por exemplo, tem sido posta em relevo por pesquisadores como Carlos Steil e Sandra Sá Carneiro, entre outros.

IHU On-Line- Quais são os maiores riscos que poderia apontar dentro dos caminhos religiosos que a pós-modernidade foi tomando?

Patrícia Birman- Os riscos só podem ser analisados em perspectiva. Risco de que ponto de vista, para quem e para o quê - que projetos individuais, grupais, que modelos de sociedade, em jogo ou a serem implementados? Do meu ponto de vista, no Rio de Janeiro, por exemplo, está se correndo um risco relacionado ao modelo ideal de sociedade laica que adotamos como princípio ao termos a República como regime. Este risco, limitado, sem dúvida, mas nem por isso ausente, se apresenta no momento, por intermédio da associação que o governo do Rio vem fazendo entre o seu sucesso político e seus vínculos com igrejas evangélicas. Na perspectiva que desenvolvem, se encontra em pauta um projeto de dotar a escola pública de um caráter religioso, e, talvez, fazer dela um domínio controlado por certas igrejas. O clientelismo presente na política brasileira, de maneira geral, está adquirindo, no Rio, uma tonalidade religiosa. Percebe-se que se produz crescentemente uma coloração religiosa dos canais de redistribuição de bens controlados pelos agentes do Estado, isto é, faz-se do acesso a serviços públicos (que sabemos o quanto é restrita e dosada por uma distribuição de privilégios) uma passagem controlada por pastores. Não acho isso bom nem para a democracia nem para os princípios republicanos que idealmente nos regem. Aliás, nem o clientelismo em geral, nem este particular de natureza religiosa.

IHU On-Line- Atualmente vocês está trabalhando na pesquisa "Quando religião e política se entrelaçam: análise de alguns casos recentes no Brasil e na França". Que constatações a pesquisa fez até o momento?

Patrícia Birman- Sugerir em alguns lugares (mas não sou nem a primeira nem a única) que este entrelaçamento está se fazendo por intermédio de uma crescente importância concedida à mídia pelas igrejas e pelos religiosos. E também pela associação, nem sempre explícita, entre reivindicações de integração social, relativas à cidadania se fazerem através de políticas de inclusão por uma via religiosa - busca-se integração política como membro de uma religião, detentora de um certo tipo de atributo moral, social, cultural, etc.

RELIGIOSIDADE POPULAR, PENTECOSTALISMO E EXPANSÃO DAS NOVAS IGREJAS

Entrevista com Ricardo Mariano

*Ricardo Mariano é doutor em Sociologia pela USP, professor do Programa de Pós-Graduação da PUCRS e autor do livro **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil** (São Paulo: Loyola, 1999). O sociólogo conversou por e-mail com o **IHU On-Line** sobre as relações entre a sociedade contemporânea e as manifestações religiosas que nela foram- se transformando.*

IHU On-Line - Que relações podem ser estabelecidas entre o mundo globalizado e sua economia de mercado com as novas formas de religiosidade contemporâneas?

Ricardo Mariano - Pode-se observar que os novos e eficientes meios de comunicação e de transporte e o sistema financeiro globalizado facilitam as atividades e a expansão dos grupos

religiosos transnacionais. Sem tais recursos, seria impossível que, por exemplo, a Igreja Universal, com somente 26 anos, já estivesse presente em 80 países.

IHU On-Line- Como caracterizaria o momento religioso no Brasil atual? E no RS?

Ricardo mariano- O momento é de crescente pluralização e diversificação religiosa e de acirramento da competição religiosa.

IHU On-Line - Quais as conseqüências nas religiões tradicionais e na sociedade em geral da pluralização de formas religiosas?

Ricardo Mariano - Cumpre observar que o amplo pluralismo religioso existente no Brasil decorre da separação Estado-Igreja e da instituição da liberdade religiosa. A separação Estado-Igreja desmantelou o monopólio religioso, erodindo, ao menos parcialmente, as prerrogativas que a religião oficial usufruía de sua aliança política com o Estado, e resultou na garantia de liberdade religiosa, na defesa da tolerância religiosa e na proteção do pluralismo religioso. Isso quer dizer que a concessão de liberdade religiosa e a separação Estado-Igreja romperam definitivamente o monopólio católico, abrindo caminho para que outros grupos religiosos pudessem ingressar e se formar no País, disputar e conquistar novos espaços na sociedade, adquirir legitimidade social e consolidar sua presença institucional. Com a perda do monopólio, a religião dominante teve de se adaptar, o que vem fazendo a duras penas, a uma situação de pluralismo e de mercado religioso.

IHU On-Line - Que características do Brasil e da cultura brasileira favoreceram o nascimento e o crescimento do neopentecostalismo?

Ricardo Mariano - O fato de o Brasil ter se constituído historicamente como um país de matriz cultural e religiosa cristã facilitou a expansão dos novos grupos cristãos em solo nacional, entre eles os da vertente pentecostal. Na condição de religião cristã, o pentecostalismo apresenta continuidades com a religiosidade popular brasileira, por exemplo, na crença em Jesus, demônios, milagres, mitos bíblicos, pecado, curas e intervenções sobrenaturais, feitiçarias, concepções escatológicas. Isso também ocorre com o caráter leigo do pentecostalismo, que permite ao fiel entrar em contato com Deus sem depender da mediação eclesiástica. Essas semelhanças e continuidades entre a religiosidade popular de matriz católica e o pentecostalismo, a meu ver, facilitam a evangelização e a socialização dos novos adeptos das igrejas pentecostais. A expansão da Igreja Universal, principal denominação da corrente neopentecostal, veio reforçar ainda mais a interpretação que enfatiza a continuidade entre pentecostalismo e religiosidade popular, pois para tirar proveito evangelístico da mentalidade e do simbolismo religiosos brasileiros, a liderança desta igreja rearticula sincreticamente crenças, ritos e práticas das religiões concorrentes, sobretudo das afro-brasileiras. Basta ver que a Universal realiza “sessão espiritual de descarrego”, “fechamento de corpo”, “corrente da mesa branca”, retira “encostos”, desfaz “mau-olhado”, asperge nos fiéis galhos de arruda molhados em bacias com água benta e sal grosso, substitui fitas do Senhor do Bonfim por fitas com dizeres bíblicos, evangeliza em cemitérios durante os Finados, oferece balas e doces aos adeptos no dia de Cosme e Damião. Importante frisar que, no caso da Universal, a adoção desses expedientes não é irrefletida nem configura sincretismo involuntário. Pelo contrário, constitui estratégia evangelística deliberada, bem pensada e que tem sido mantida, intensificada e até diversificada em razão de sua elevada eficácia.

IHU On-Line – Já foi dito que na América Latina “a Igreja fez uma opção pelos pobres e os pobres fizeram uma opção pelas `seitas`”. Essa expressão tem lógica?

Ricardo Mariano - O pentecostalismo tirou grande proveito da quebra do monopólio católico, da fraqueza institucional da Igreja Católica e da longa tradição mágica da religiosidade popular brasileira. Haja vista que as igrejas pentecostais passaram a colher “de braçada” seus membros na seara católica no período em que a sucursal brasileira da Santa Sé se encontrava mais nitidamente dessacralizada, secularizada, deixando sua antiga clientela à mercê da concorrência. E o avanço dessas igrejas sobre as bases leigas do catolicismo mediante a oferta de mensagens e serviços mágicos foi tão bem-sucedido, que, numa inversão de papéis, lideranças eclesiais católicas chegaram até a protestar contra a “ignorância do povo”, em particular daqueles que cederam aos apelos do pentecostalismo, e a tecer acusações à superstição religiosa dos concorrentes, tal como procediam os expoentes da Reforma Protestante no século XVI. Embora a fraqueza institucional e a secularização da Igreja Católica – que parece estar sendo parcialmente revertida com a forte expansão da Renovação Carismática – tenham facilitado as ações e o trabalho religioso dos concorrentes, elas não podem ser responsabilizadas pela expansão pentecostal, pois esta resulta dos méritos próprios desse grupo religioso. E entre tais méritos sobressai sua elevada capacidade de prestar serviços mágicos que levam em conta as necessidades e os interesses materiais e ideais dos segmentos mais pobres da população. As igrejas pentecostais mais bem-sucedidas na competição religiosa, além de, estrategicamente, maximizarem a provisão de compensações concretas e imediatas neste mundo, procuram adaptar sua mensagem religiosa (conteúdo, forma e meios de transmissão) à vida material e cultural das massas pobres, a fim de provê-las de sentido, significação do porquê se encontram vivendo como vivem e justificação de sua existência numa dada posição social, fornecendo-lhes recursos simbólicos e rituais para mudar subjetivamente de vida e vivas esperanças de habitar eternamente o paraíso celestial. Daí a “opção preferencial” dessas massas por igrejas que, como estas, procuram mobilizar todos os esforços evangelísticos para atraí-los, persuadi-los e recrutá-los, por meio do uso da mídia, da ênfase na oferta de serviços mágicos, da evangelização pessoal, da propaganda dos testemunhos de conversão e de bênçãos materiais, da desenfreada abertura de novas congregações, do alto teor emocional dos cultos, da música *gospel* e, no caso da Universal, do trabalho pastoral em tempo integral.

IHU On-Line- Como se explicam as relações religião-política especialmente nos últimos anos em que houve um crescimento de deputados, senadores, (ou candidatos a esses cargos) pastores?

Ricardo Mariano- A Igreja Católica sempre atuou na vida política brasileira. E continua atuando, seja nos bastidores, seja por meio de representantes no Governo Federal e no Parlamento. A grande surpresa das duas últimas décadas foi o envolvimento dos pentecostais na política partidária. Nas eleições para a Constituinte, para defender a liberdade religiosa e seus interesses corporativos, abandonaram o jargão “crente não se mete em política” e adotaram o lema “irmão vota em irmão”. Desde então, ampliaram enormemente sua representação política nas câmaras de vereadores, nas assembleias legislativas e no Congresso Nacional. Atualmente, constituem uma poderosa força política no jogo político nacional.

DESTAQUES DA SEMANA

Artigo da Semana

DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO À COABITAÇÃO CULTURAL

Realizou-se na semana passada, em Genebra, a Cúpula Mundial da Sociedade da Informação pelas Nações Unidas. Por ocasião desse evento, Dominique Wolton publicou – com o título acima – no **Libération**, 8-12-03 o artigo que abaixo reproduzimos. Para mais informações sobre este evento confira abaixo a editoria “Deu nos Jornais”. D. Wolton é pesquisador e diretor do Laboratório de Comunicação e Política do CNRS/França (Centro Nacional de Pesquisa Científica). Especialista em televisão e em novas tecnologias da comunicação, é autor de uma série de livros. Entre as suas obras publicadas em português estão **Elogio do Grande Público**. São Paulo; Ática, 1996; **Pensar a Comunicação**. São Paulo: Difel, 1999; **Internet e depois?** São Paulo: Sulina, 2003. Seu mais recente lançamento em francês se intitula **L'autre mondialisation**. Paris: Flammarion, 2003. A tradução e os subtítulos são dos colegas do Cepat aos quais agradecemos.

Os acontecimentos se sucedem rapidamente. Neste outono, em torno de uma reflexão crítica sobre o estatuto da informação, vários encontros se sucederam. Assim foi em Cancún (setembro), depois no Fórum Social Europeu, em Paris (novembro), e agora no primeiro encontro mundial da ‘sociedade da informação,’ que acontece em Genebra. Do que trata esse encontro? Do estatuto da indústria da informação no contexto da mundialização. Já faz uns quinze anos que a ‘sociedade da informação’ é considerada como um complemento político da mundialização econômica e como o modelo futuro das sociedades. Desde que a informação se tornou central em todas as atividades e onipresente, graças ao desempenho das redes, é vista como o modelo de uma nova economia capaz de reduzir o fosso Norte-Sul e como portadora da emergência de um papel social e cultural de redução das desigualdades.

A informação não é neutra

Esta proposição, aparentemente simples, corre o risco de ser contestada, por duas fortes razões. A primeira é que a informação não é universal. Não se trata de uma categoria natural, ela [a informação] vem sendo construída para fins particulares e mesmo que milhares de informações trafeguem pelos computadores, elas não têm a mesma definição, nem o mesmo sentido. A ‘palavra’ redescobre realidades radicalmente diferentes na economia, na sociedade, na política, na ciência e na cultura. A informação não existe em si mesma, ela traz consigo valores, interesses e uma representação da sociedade que varia no tempo e no espaço, como também nos relatórios do poder. Ela obedece a critérios de verdade e de falsidade que não são os mesmos e que dependem das áreas culturais. A informação é um dos conceitos mais polissêmicos que existe. Se, no Ocidente, a informação é, cada vez mais, vista como símbolo da liberdade individual e de acesso ao mundo, em muitos países, não se vêem as coisas dessa forma, o sentido e o valor da informação não têm o mesmo valor. Nossa concepção universal da informação não é inseparável de um certo ocidentalismo e reforça, neste momento, a supremacia do Norte, ainda que o Sul tenha razão. Além disso, a abundância de informação que temos é proporcional às desigualdades.

A informação é tornada ideologia

Na realidade, a sociedade da informação é vista com o olhar dos engenheiros, para quem o essencial é o desempenho técnico. Portanto não se trata de trocar informações para que as pessoas se entendam. Senão, como explicar que, depois de meio século, onde o volume da produção e da troca de informações literalmente explodiu, não se tenha conseguido aproximar as pessoas? A sociedade de informação supõe a neutralidade do receptor. Porém, a pessoa que recebe as informações não é neutra e tampouco a informação é universal... Na realidade, o conceito da 'sociedade da informação' foi um momento de utopia, daqueles que sonharam mudar o mundo por meio dos computadores, como em outros tempos se pensou em mudar o mundo por meio do rádio e da televisão. Por que não? Porém, o problema é que na seqüência a 'informação' é tornada ideologia pelos industriais, pelos programadores e pelos tecnocratas.

O correto seria falar de 'sociedade da comunicação'

A informação não é mais um conceito político, mas se torna uma ideologia técnica, onde ela, a técnica, com o seu poder, cria o seu modelo de sociedade. Na realidade, temos o resultado contrário ao que aconteceu historicamente: onde foram os projetos políticos e culturais que deram sentido a revolução técnica. Vimos isso com a imprensa, foi a mídia que contribuiu para a emergência da democracia liberal e, em seguida, para a democracia de massas. Hoje, o conceito de 'sociedade da informação' se tornou uma questão de vocabulário técnico, e não político. A rede na internet espera por uma utopia política. Elas não são capazes de por si só, criar isso.

O correto seria falar de 'sociedade da comunicação', para nos darmos conta de que o cerne da questão não está na informação e na transmissão, mas nas condições de sua recepção. Passar da informação à comunicação, significa introduzir o tema da cultura, compreendida como um patrimônio sem fronteiras, mas também, e sobretudo, como um conjunto de meios, da língua, da memória, dos modos de vida, do consumo, dos valores... que permitem os indivíduos compreenderem o mundo no qual vivem e agem. Sair para além da técnica e sua performance e abordar a realidade em sua diversidade.

A sociedade da informação encobre a diversidade cultural

Isso nos conduz à segunda objeção radical a respeito da noção da 'sociedade da informação': o impasse sobre a diversidade cultural na entrada do século XXI. A sociedade da informação encobre a diversidade cultural, porque não há informação sem cultura, e temos informações em um volume enorme, e aqui se coloca ainda mais a questão de sua recepção, a questão da alteridade, da diversidade cultural. A abundância de informação não suprime as diferenças culturais; ela as torna visíveis. A mundialização da indústria cultural pode, portanto, dar nascimento a uma cultura mundial. Assim como o inverso pode ocorrer. Depois da fase de sedução normal, esta mundialização suscita uma demanda de identidade cultural como retorno, colocando diretamente a questão da coabitação cultural. As pessoas não renunciam a sua identidade cultural, ao mesmo tempo que sentem a necessidade de se abrir mais fortemente para o mundo.

Construir uma coabitação cultural – o desafio

Esta é a questão política no início do século XXI: passar de uma problemática dos 'sistemas de informação' à obrigação de se construir uma coabitação cultural em nível mundial. E dentro dessa aprendizagem de coabitação, cada um deve aprender a respeitar o outro. O Norte a respeitar o Sul, bem como o Sul, frente a ele mesmo, e *vis-à-vis* com o Norte. Caso contrário, o

que temos é guerra das culturas. Em face desta nova questão política, onde as diferenças são sempre mais importantes que as semelhanças, os sistemas de informação podem desempenhar um papel, contanto que nos afastemos da visão ingênua e todo poderosa da técnica.

A coabitação cultural implica um projeto político

O caminho é difícil, entretanto, a partir do momento em que todos vêem e sabem das coisas, as identidades culturais demandarão claramente ser reconhecidas, e as desigualdades se tornarão menos toleráveis. O desafio, portanto, é respeitar as identidades culturais, evitando se fechar em si mesmo, é daqui que deriva o etnicismo e comunitarismo. Por isso o conceito de coabitação cultural, para ser construído, precisa ir para além da cultura. Ele implica um projeto político que integre as condições sociais necessárias à cultura. Na realidade, reconhecer a diversidade cultural como horizonte político, nos envia, portanto, à cultura que nos envia à política e essa, ao social. Ela nos exige que façamos uma saída de nós mesmos e nos coloquemos em relação com aqueles que são diferentes. E aqui temos na 'rede' um problema que permanece: ela liga os indivíduos e as comunidades que têm alguma coisa em comum, quando a coabitação cultural reconhece a necessidade de gerar alteridade. De fato, a mundialização da informação não conduz para uma vila global, nem a sociedade em rede, mas a um novo desafio de diversidade cultural. Ela não conduz a uma definição comum de informação, mas à obrigação de gerar as diversidades e alteridade. Essa é uma questão evidentemente política e muito pouca técnica.

'Testes' radicais a serem enfrentados

Com a mundialização se abre a caixa de Pandora. Queremos construir um mercado mundial, ou organizar a coabitação cultural? Queremos vencer as distâncias físicas, ou descobrir a imensidão das distâncias culturais para estabelecermos uma relação de respeito com os outros, sob o risco que o bumerangue se volte contra a mundialização.

Há três testes radicais da passagem da problemática da 'sociedade da informação' à coabitação cultural. Primeiro, regulamentar a internet e limitar a concentração das indústrias culturais mundiais. Depois, evitar que a educação se torna o que está a ponto de se tornar, um mercado mundial de uma sociedade que se reduz a uma administração do sistema de informação interativo. E finalmente, negociar, no interior da OMC, um estatuto particular para as indústrias de informação, da cultura e da comunicação. Em resumo, fazer com que as questões consideradas da informação, cultura e comunicação, integrem o chamado campo da altermundialização.

A coabitação cultural - o paradigma da terceira mundialização

Após a primeira mundialização, aquela em que a ONU se organizou como comunidade internacional, a sociedade da informação corresponde à segunda mundialização, dominada pela lógica econômica. A coabitação cultural constitui o paradigma da terceira mundialização, hegemonizada pela importância da cultura, da sociedade e da política como princípio de arbitragem em face da diversidade do mundo. Pensar a coabitação cultural, é impedir que o sonho da vila global chegue ao pesadelo da incomunicação e da violência cultural. É impedir a 'babelização'. A terceira mundialização revela a irredutibilidade das diversidades culturais e a necessidade de se organizar a coabitação pacífica para se evitar o comunitarismo e permanecer fiel aos ideais democráticos da comunidade internacional.

Filme da Semana

Lembramos que todos os filmes aqui apresentados foram vistos e analisados por colegas do IHU.

SOBRE MENINOS E LOBOS

Ficha Técnica

Nome original: *Mystic River*

Origem: EUA

Realização: 2003

Gênero: Drama

Duração: 137 min.

Classificação: 14 anos

SOBRE MENINOS E LOBOS - A ATUALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA

Reproduzimos o artigo de Claudio Szynkier, veiculado pela Agência Carta Maior, em 9 de dezembro de 2003, que faz a crítica do filme que citamos nesta edição.

Pessoas de carne, osso e sangue verdadeiros transitam por linhas de quarteirões próximos em um filme que exercita radicalmente o princípio de narrar uma história em cinema. Raiva e olhar humanos são extremos nesse mesmo filme, cortado e contado via linguagem avançada de cine americano que não possui qualquer contrato estabelecido com o "real", em ritmo e em produção de imagens. Não é real, mas é radicalmente "de verdade" esse Sobre Meninos e Lobos (*Mystic River*, 2003), de Clint Eastwood.

Respira pesado e movimenta-se depressivo este ensaio em que o horror da casualidade, apodrecimento e cicatrização de coisas através do tempo e anatomia de bairro irlandês são temas em constante visão e revisão. O ensaio é realizado com aparente obsessão, pessimismo honesto em relação ao destino (instinto) de seres humanos e maestria de quem parece ter enfrentado longo período de gestação de uma coisa que merece ser definida pelo que é, e não pelo nome. Essa coisa é o estilo de alguém aplicado à finalidade de fazer uma história acontecer e ser construída da forma mais instigante e meticulosa, em 120 e poucos minutos.

A infância é comentada primeiro no filme, e desconcerta, porque tudo o que virá depois tem ponto zero em uma brincadeira de rua. Três amigos estão jogando hockey e, por conta de um tiro mais forte, a bolinha cai no bueiro. O cimento na parte da calçada que cobre bueiro está úmido. Os três amigos desenham seus nomes, um carro chega. Desce do veículo um velho que se diz policial. O cara pega um dos meninos - "infrator". Vão embora; os dois meninos que ficam, olham, quietos e quase se sujando.

Depois de 4 dias, o menino raptado foge de um lugar cuja saída dá para o mato. Aterroriza a idéia que lembra o João do Saco, mitologia de terror infantil a respeito de figura medonha e bizarra que chega, pega a criança e a leva ensacada.

Aterroriza e tende a levar antecipadamente o espectador, desarmado e com embrulho no estômago, a assinar um pacto emocional com tudo o que acontecerá posteriormente. Após muitos anos, os três amigos tornaram-se apenas conhecidos. Um deles, Lemmy (Sean Penn),

comanda a mafiazinha irlandesa do quarteirão; o segundo, Sean (Kevin Bacon), virou policial; o menino que fugiu, Dave (Tim Robbins), é um sujeito esquisitão, casado, aparentemente fracassado e atormentado. Um dia, a filha de Lemmy aparece brutalmente assassinada.

Clint Eastwood narra *Sobre Meninos e Lobos* via análise franca do "bairro". Este é um filme da vizinhança, zona fechada por lógica paisagística que remete a uma maquete arquitetônica com começo, meio e fim; com cara, fachadas e funcionamento próprios. O lugar, margeado pelo rio, fica em Boston. A câmera lembra com frequência, particularmente através de planos grandes (vários aéreos) que tornam tudo aquilo pequenininho, que estamos assistindo a uma história urbana geograficamente bem delimitada.

Os rostos e psiques estão aqui regulados por comando que pode ser chamado de "agressão". Agressividade, pulsante ou reprimida, é a química ministrada não só na concepção desses rostos e psiques, mas também no projeto gráfico do bairro e da natureza do lugar. Mesmo de dia e com sol, paredes, pintura e ar são lúgubres e gelados. A relação dos amigos de infância também impressiona pela frieza, pela distância verdadeira e pelo sincero pouco afeto que se cristalizou com o tempo.

O tempo, aliás, parece ser mesmo um órgão importante em filme que nos fornece a versão de quem pensa o mundo como massa assustadoramente organizada de acontecimentos de vai-e-vem. Uma massa que age em sistema de leis naturais do destino e de conseqüências lógicas que concluem não raramente em desgraça.

Eastwood, homem que vem dedicando-se a localizar a "América" em sua história, não parece indicar exatamente um tempo (*Os Imperdoáveis*, *As Pontes de Madison*, *Bird*) em *Sobre Meninos e Lobos*, mas, curiosamente, sentimentos, no ar do país. Sangue econômico - com valor humano - jorrando dor sincera, porradas que não vazam plástica e ensaio, vingança com ódio real e tensão transbordando em tonalidade escura e depressiva são dados que possibilitam constatar que Clint, em *Sobre Meninos e Lobos*, atualiza a violência e a relação dos seres humanos americanos com a palavra "justiça". No entanto, pensando melhor, não deixa de ser especialmente interessante perceber esta atualização, ocorrendo em plena "América" 2003. A lupa fecha o bairro irlandês que vira Estados Unidos.

Deu nos Jornais

A exclusão digital

A retórica dos ricos

Sobre a Cúpula Mundial da Sociedade da Informação, Tereza Cruvinel, na coluna *Panorama Político*, **O Globo**, 10-12-03, escreve: "Na hora H, os países ricos sempre tiram a máscara. Ontem, em Genebra, na Cúpula Mundial da Sociedade de Informação, Estados Unidos, Europa e Japão conseguiram derrubar a proposta dos países pobres e em desenvolvimento de criação de um fundo internacional para promover maior acesso aos benefícios das tecnologias de comunicação. Esta é uma precondição da propalada globalização mais simétrica, mas aceitaram apenas a criação de um grupo de estudos da ONU. Como se o dinheiro fosse secundário, o texto final anunciará medidas para a democratização do rádio, da televisão e dos computadores, prevendo a conexão de escolas, hospitais e governos de todo os países à internet. Incoerência total, diz Sergio Amadeu, presidente do ITI (Instituto de Tecnologia da Informação), do Gabinete Civil, um dos membros da delegação brasileira, chefiada pelo embaixador Samuel Pinheiro Guimarães. Como nacionalista, ele discursará hoje em português. Brasil, Índia e China foram derrotados na proposta de criação de um organismo internacional

para gerir a internet. Mas conseguiram alguma coisa em relação à propriedade intelectual e uma referência positiva ao software livre no texto final”.

A terceira revolução industrial

“O acesso a novas tecnologias é uma das chaves para o desenvolvimento sustentável. O princípio consta explicitamente do texto final da Conferência do Milênio, promovida pela ONU em 2001” – escreve o jornal **Le Monde**, em editorial traduzido e publicado pelo jornal **Folha de S. Paulo**, 10-12-03. “Propunha-se, então, reduzir a ‘fratura digital’ entre os países ricos e os pobres. Mas isso dificilmente ocorrerá até 2015, como recomenda o Encontro Mundial sobre a Sociedade da Informação. A marca mais visível da emergência da sociedade da informação está no crescimento explosivo da internet nos últimos cinco anos, constata o relatório de um dos conselhos do encontro, sobre análises econômicas. Mas a rede mundial de computadores está implantada de forma desigual, dependendo da região. A fratura numérica separa o norte do sul, mesmo quando os dois pontos cardeais não se referem ao grau de desenvolvimento econômico dos conjuntos de países”. Continua o editorial do **Le Monde**: “A tese dos autores do relatório que traz essa constatação é a de que a revolução digital não é propriamente uma revolução da informação e da comunicação, mas, bem mais que isso, ‘uma terceira revolução industrial’, que carrega ‘a recomposição da gestão do saber e do conhecimento’”.

O abismo digital segundo o Le Monde

Segundo o jornal **Le Monde**, “o Banco Mundial, que possui programa para diminuir o fosso digital por meio da educação, acredita que o crescimento exponencial das tecnologias da comunicação tenha exacerbado a distância dos países de renda alta daqueles de renda mais baixa. O número de aparelhos de TV a cada mil habitantes é menos de um na Eritreia, 64 na Costa do Marfim e 805 nos Estados Unidos. Quanto aos computadores domésticos por mil habitantes, há, a cada mil domicílios, menos de um em Burkina Fasso, 27 na África do Sul, 38 no Chile, 172 em Cingapura e 248 na Suíça. Nos países africanos, apenas 1 em cada 5.000 pessoas está conectada à internet, enquanto na Europa e na América do Norte a proporção é de 1 em cada 6. O primeiro-ministro tunisiano, Mohamed Ghannouchi, lembrava recentemente que 91% dos que usam a internet estão em países industrializados, que totalizam 19% da população mundial. Os países em desenvolvimento enfrentam dois tipos de problemas, relata uma fundação alemã. Os mais visíveis são o acesso à água, à eletricidade e à saúde. E há os até agora menos evidentes, ligados à falta de acesso às tecnologias da informação. Pois a entidade alemã acredita que só as tecnologias de informação possam ajudar esses países a resolver suas carências mais visíveis”.

Os dois caminhos rumo à Alca, segundo R. Zoellick

Robert Zoellick, representante do comércio exterior dos EUA, publicou, sob o título acima, um artigo no **Financial Times**, a bíblia do mercado financeiro. O jornal **Folha de S. Paulo**, 10-12-03, traduz e publica a íntegra do artigo. Segundo R. Zoellick, “a recente reunião entre as 34 democracias das Américas em Miami mapeou dois cursos complementares para a obtenção do livre comércio no hemisfério. A integração mais profunda entre os 800 milhões de habitantes das Américas - bem como a ascensão da China - será um dos fatores determinantes para a forma que o desenvolvimento tomará no mundo. A extensão da influência que o ‘Novo Mundo’ poderá adquirir dependerá do ritmo e da abrangência de sua síntese econômica, de modo semelhante ao trabalho da União Européia para combinar visões e realidades ao longo do tempo. Um dos cursos delineados em Miami é concluir a negociação para a criação de uma Área de Livre Comércio das Américas (Alca). Mas, enquanto avançamos nessa direção, os

EUA e 11 países da América Latina seguem um segundo curso e promovem acordos abrangentes de livre comércio bilateral que atingem os padrões mais elevados, ampliando o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta) e o recente acordo de livre comércio entre os EUA e o Chile". E referindo-se ao Mercosul, o secretário americano afirma: "Com o tempo, o Mercosul expandirá seu interesse em regras que fomentem o investimento, protejam o conhecimento e os setores criativos, ajudem a combater a corrupção, reduzam os custos e melhorem a qualidade dos setores de serviços. Esses tópicos são cada vez mais vitais para o desenvolvimento". E conclui: "Para expandir o círculo da liberdade política e econômica nas Américas, empresários, fazendeiros, trabalhadores, latino-americanos e os internacionalistas dos EUA precisam avançar ao longo dos dois cursos determinados em Miami. Com apoio, os passos rumo à liberdade e às oportunidades econômicas continuarão sendo dados".

EUA não tem pressa de 'civilizar' o Brasil

Arguto observador das negociações da Alca, Clóvis Rossi, jornalista, na sua coluna de 10-12-03, no jornal **Folha de S. Paulo**, sob o título *Alca, da pressa à paciência*, comenta o artigo acima de R. Zoellick. Anota que, a partir de Cancún e Miami, houve uma mudança da estratégia dos EUA no que se refere às negociações da Alca. Se há três meses, o mesmo secretário tonitroava que 'os EUA não vão esperar', hoje ele afirma mansamente que 'com o tempo'... Ou seja, houve uma nítida mudança da posição dos EUA. Segundo Clóvis Rossi, "Washington agora não tem pressa para 'civilizar' o Brasil". E conclui perguntando: "Se está nítida a mudança, falta explicar o que, exatamente, a produziu. E, principalmente, se e quando virá a fatura - e qual será".

Menos renda, mais juros

"A participação relativa da renda dos trabalhadores assalariados no total do PIB brasileiro caiu de 45,4% em 1990 para 36,1% em 2002, de acordo com dados do IBGE. A renda dos trabalhadores autônomos também encolheu, passando de 6,9% para 4,6%, no mesmo período. Por sua vez, a remuneração do capital - lucros e juros - saltou de 32,6% para 42% do PIB, e a arrecadação líquida de impostos sobre a produção e produtos importados passou de 15,2% para 17,4%". Os dados constam do editorial, sob o título acima, publicado pela **Folha de S. Paulo**, 11-12-03. Segundo o editorial, "esses dados evidenciam que nos últimos 13 anos houve um empobrecimento relativo dos trabalhadores, com transferência de renda para o Estado e as aplicações financeiras. Durante o governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), a taxa de crescimento anual média da economia foi de 2,3% - enquanto a elevação da renda per capita foi de apenas 0,95%. O investimento, componente mais dinâmico do gasto empresarial, cresceu apenas 1,3% em média".

'Lula, o que fizeste até agora?'

"O ano está acabando, e a paciência, também. A minha, pelo menos. Convenhamos: um ano se passou. Um ano quase inteiro. O governo Lula já consumiu 25% do seu mandato. E o que fez até agora? A área econômica do governo vem colhendo elogios extremamente comprometedores. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, em conferência nos Estados Unidos, na segunda-feira, declarou que sente 'orgulho' quando vê que o ministro Palocci 'adota a mesma agenda que o meu governo defendia'. Pequeno detalhe: essa 'agenda', que produziu vulnerabilidade externa, estagnação e desemprego, foi fragorosamente derrotada nas eleições de 2002. Nem o candidato do governo a defendeu". Esta é a opinião do economista Paulo Nogueira Batista Jr, professor da FGV-SP, em artigo publicado na **Folha de S. Paulo**, 11-12-03. Segundo o economista, "mesmo a política externa do governo Lula ainda está *sub judice*".

Na questão crucial da Alca, por exemplo, não sabemos se, de minueto em minueto diplomático, não acabaremos escorregando ladeira abaixo nas concessões ao grande irmão do Norte. Mas, enfim, no Itamaraty a mudança está em curso”.

Autonomia para o Banco Central?

Paulo Nogueira Batista Jr, comenta a ressurreição da proposta de autonomia do Banco Central. Ele afirma, no mesmo artigo acima comentado: “Na área econômica, ao contrário, reina a continuidade. Mais do que isso: a Fazenda e o Banco Central pretendem, tudo indica, ‘aperfeiçoar’ a agenda herdada do governo anterior. Resolveram, por exemplo, ressuscitar a autonomia do Banco Central. O tema parecia enterrado e esquecido. Ninguém falava mais no assunto. De repente, vem a público que a Fazenda quer enviar, no primeiro semestre de 2004, projeto de lei ao Congresso, concedendo a referida autonomia. A diretoria do Banco Central passaria a ter mandatos fixos e não coincidentes com o do presidente da República. Para quê? O Banco Central é uma das instituições mais poderosas da República. Já tem autonomia até demais. Exerce, com grande liberdade, múltiplas e variadas funções. Conduz a política monetária e de crédito, define a política cambial, administra as reservas internacionais do País, supervisiona e regulamenta o sistema financeiro. Converteu-se, ao longo das décadas, em sólido reduto e sustentáculo do poder do sistema financeiro. Nesse contexto, a inexistência de mandatos fixos para a direção do Banco Central, isto é, o direito que tem o presidente da República de substituir a qualquer momento o presidente e os diretores da instituição, representa um contrapeso à influência dos ‘lobbies’ financeiros. Esse contrapeso pode ser frágil e insuficiente, mas é melhor do que nada. O risco de demissão funciona como um lembrete permanente de que a tecnocracia que comanda o banco deve prestar contas ao poder político eleito”.

O Ganho dos Bancos estrangeiros no Brasil

A coluna *Panorama Político*, publicada pelo jornal **O Globo**, 11-12-03, sob a responsabilidade da jornalista Tereza Cruvinel, traz os seguintes dados: “A Comissão de Finanças da Câmara criou uma subcomissão para estudar os *spreads* bancários. O deputado Carlito Mers (PT-SC), um de seus membros, antecipa ‘conclusões estarrecedoras’, como diz. No ano passado, o Bank Boston, que tem no Brasil 5,3% de seus ativos, daqui retirou 33% de seu lucro global. O Santander, tendo 7,5% dos ativos aqui, arrancou 24% do lucro. O ABN-Amro, com 2,5% dos ativos, levantou 13% do lucro global. O Deutsch Bank, com 0,4% aplicados no Brasil, daqui tirou 11% do lucro. “Ainda não temos os dados deste ano, mas não duvido que o resultado venha a ser mais escandaloso. Mas isso não foi o PT que inventou, embora a queda dos juros pudesse ter começado uns dois meses antes. Vamos lutar contra isso. A compreensão destes ditames faltou, por exemplo, aos dissidentes, e a alguns críticos do rumo que estamos seguindo”. Os juros pagos este ano já mostram os benefícios (para os banqueiros). Segundo Mers, “em 2001 a participação dos lucros no *spread* foi de 18%, subindo para 38%, enquanto a inadimplência caiu de 35% para 19% e as despesas administrativas de 22% para 16%”. Só para lembrar, o atual presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, trabalhou no Bank Boston, onde se aposentou, concorreu para deputado federal pelo PSDB de Goiás, realizando a campanha política mais cara do Brasil em 2002 e foi nomeado, em Washington, no final de 2002, para presidente do Banco Central pelo então presidente eleito do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva.

A cúpula digital de Genebra

Realizou-se na semana passada, em Genebra, a 1ª Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação, organizada pelas Nações Unidas. Traduzimos e divulgamos o artigo de Ignacio Ramonet, intitulado *Cúpula Digital* e que foi publicado pelo jornal espanhol, **La Voz de Galicia**, 10-12-03. A tradução é da equipe de comunicação do IHU. “Sob os auspícios da ONU e da União Internacional das Telecomunicações (UIT), começa hoje em Genebra a primeira Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação (www.wsis-cs.org), com um objetivo preciso: reduzir a fratura digital, esse abismo que separa os países altamente equipados em informática e eletrônica daqueles que ainda estão na pré-história de internet.

Recordemos algumas cifras: mais de dois bilhões de seres humanos - um terço da humanidade- não dispõem de eletricidade; quatro de cada cinco habitantes do Planeta não utilizaram jamais um telefone (existem mais linhas telefônicas no bairro de Manhattan, em Nova Iorque, que em toda a África sub-sahariana); mais de 90% de nossos contemporâneos nunca navegaram pela internet.

Em uma sociedade do conhecimento e do saber como a nossa, estas carências resultam fatais e contribuem para manter o atraso de muitos países pobres. Por isso, o Programa de Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) insistiu em que uma das maneiras de combater o atraso e a pobreza consiste em reduzir esta fratura; com um progresso ideal, deveria desaparecer daqui aos 2013.

A Cúpula de Genebra, tratará de insistir na necessária cooperação internacional e a indispensável solidariedade eletrônica entre os povos. A declaração final, que se publicará na sexta-feira, dia 12 de dezembro, será assinada pelos 191 estados membros da ONU e terá valor de solene compromisso internacional. Constituirá uma espécie de carta magna da sociedade da informação e proporá um programa de ação que deverá ser posto em prática nos dois anos vindouros.

A preparação desta Cúpula de Genebra deu lugar a enfrentamentos homéricos entre estados, empresas e cidadãos. Foram necessárias três conferências preparatórias para aplainar, em parte, as profundas divergências entre eles. Os problemas surgiram como conseqüência de que, pela primeira vez, uma cúpula da ONU convoca, com igual direito, não só os Estados, mas também atores privados (empresas e cidadãos) cujas proposições escandalizam alguns governos.

Cinco discrepâncias centrais deverão ser enfrentadas. Primeiro, a questão do fundo de solidariedade destinado a ajudar os países em desenvolvimento a equipar-se de infra-estruturas de comunicação. Muitos estados pobres estão dispostos a permitir que estas infra-estruturas sejam instaladas por empresas privadas que poderão explorá-las depois e tirar-lhes todo o benefício que queiram. As ONGs se opõem e denunciam um neocolonialismo digital que agravará, dizem, a fratura tecnológica entre ricos e pobres.

Segundo, os direitos humanos. Trata-se de obter que, no preâmbulo da declaração final, todos aceitem que a comunicação seja considerada como um direito do ser humano, e que se formule que cada cidadão tem direito de ser emissor e não só receptor de informações.

Terceiro, o controle das redes de informação e de comunicação, o que, no jargão dos internautas, chama-se a ‘e-gobernancia’ e que diz respeito, sobretudo, à internet, que hoje está controlada por uma autoridade privada, o ICANN, auspiciada pelos Estados Unidos. Muitos países desejam que uma rede de comunicação e de saber tão fundamental como a internet esteja sob o controle internacional da ONU ou da UIT.

Quarto, o problema das liberdades públicas. No atual ambiente de segurança, muitos governos não respeitam a vida privada dos usuários e através das redes eletrônicas vigiam seus cidadãos. As ONGs denunciam esta situação que se agravou depois dos atentados de 11 de setembro de 2001.

E quinto, a questão da propriedade intelectual. Os Estados querem que este problema se trate no seio da Organização Mundial de Comércio (OMC). Os cidadãos replicam que, como a cultura, a comunicação e a informação não são só mercadorias.

Os debates se anunciam tremendos. Está em jogo uma sociedade da informação mais justa. E um mundo tecnologicamente mais solidário”.

Frases da semana

“Podemos sair dessa armadilha com responsabilidade, mas não podemos acumular uma política fiscal ultraconservadora com uma política monetária ultra-restritiva, porque a economia não tem como deslanchar.” – José Alencar, vice-presidente da República – **Folha de S. Paulo**, 11-12-03.

"O PT está amputando seu braço esquerdo." – Leandro Konder, filósofo, professor da PUC-Rio, ao anunciar a sua desfiliação do PT – **Folha de S. Paulo**, 14-12-03.

"Não estou torcendo contra o PT, mas estou cada vez mais cético." - Leandro Konder, filósofo, professor da PUC-Rio, ao anunciar a sua desfiliação do PT – **Folha de S. Paulo**, 14-12-03.

“Do ponto de vista econômico, Lula só conseguirá ser um FHC com deságio.” - Luiz Gonzaga Belluzzo e Ricardo Carneiro, da Unicamp (Universidade de Campinas) – **Folha de S. Paulo**, 14-12-03.

“O PT no governo é um prolongamento da longa ‘via passiva’ brasileira, a expansão do capitalismo da exclusão, a repetição do mesmo, desde o aliancismo desimbestado até as políticas dos tíquetes do leite.” - Francisco de Oliveira, sociólogo- **Folha de S. Paulo**, 14/12/2003.

“O PT é hoje o partido de centro no espectro político brasileiro, junto com aquele que escolheu como irmão, o PSDB: se odeiam, mas são irmãos. E o pior é que não sabe disso.” - Francisco de Oliveira, sociólogo- **Folha de S. Paulo**, 14/12/2003.

EVENTOS IHU

SALA DE LEITURA

No último dia 9 de dezembro, das 17h30min às 19h, aconteceu a última edição do evento **Sala de Leitura**, do ano de 2003. Na ocasião, o professor Dr. Attico Chassot, do PPG em Educação da Unisinos, fez a apresentação de dois livros de sua autoria: **Educação conSciência**. (Santa Cruz do Sul: UNISC, 2003. 244p.) e **A Ciência é masculina? É, sim senhora!** (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. 114p. Coleção Aldus 16). O título do segundo livro foi tema do **IHU Idéias** do dia 20 de agosto de 2003. O **IHU On-Line** publicou uma entrevista com o professor Attico sobre os livros que foram apresentados no **Sala de Leitura**, na edição número 87, de 9 de dezembro de 2003.

Ecoss do Evento

“Os temas expostos pelo professor Attico, nos dois livros recém-lançados, causam impacto pela surpresa com que são apresentados: naquilo que, numa leitura rápida, parece ser óbvio na argúcia do pensamento do autor, não permanece tão inocente assim. Outro elemento de destaque na exposição do professor Attico é seu humor: os cientistas podem ser objetivos e ‘frios’ em suas pesquisas, sem ser ranzinzas e chatos. Pode-se ser objetivo no desmascaramento do masculino sem deixar de ser sensível às causas do feminismo, da arte e da poesia”.

Prof. Dr. Euclides Redin, professor do PPG em Educação da Unisinos.

“Foi muito bom. O professor Chassot tem um estilo particular de falar as coisas, que é bom de ouvir. Os dois livros apresentados são interessantes e valem a pena ser lidos, mas aquele sobre ciência masculina trabalha um tema atual que merece ser considerado e discutido sob vários ângulos. As colocações que apareceram no debate também foram bem interessantes”.

Moisés Alves de Oliveira, mestre em Química Ambiental e doutorando em Educação na Unisinos.

IHU IDÉIAS

Na quinta-feira passada, dia 11 de dezembro, a sala 1G119 foi o cenário do **IHU Idéias Especial** com o professor Josué Pereira da Silva, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, que falou sobre o tema **As metamorfoses do mundo do trabalho segundo André Gorz**. O pesquisador concedeu uma entrevista a **IHU On-Line**, na 87ª edição, de 9 de dezembro de 2003. No encontro, o professor Josué fez uma análise das transformações ocorridas no mundo do trabalho no século XX a partir da concepção de André Gorz, relacionando-o com Habermas.

Ecoss do Evento

“A apresentação foi muito elucidativa. O professor conseguiu passar a concepção de Gorz a respeito das transformações no mundo do trabalho de uma forma muito clara. Nota-se que é um grande estudioso do autor”.

Alexandra Boeira, mestranda do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos.

“Interesso-me por essa temática, tendo em vista que minha dissertação de mestrado versou sobre as relações de trabalho com o valor moral lealdade. Tudo o que é referente ao assunto trabalho, eu procuro assistir. Gostei muito da palestra. O professor tem aprofundamento teórico no assunto, ele conhece muito do tema e fez um resgate remissivo de vários autores. A palavra síntese do que ele falou é integração, mas na contemporaneidade a palavra de ordem é exclusão. E ele diferenciou-a de desintegração. Essa temática da exclusão é muito falada e sentida por todos nós, mas pouco estudada por pensadores”.

Prof. MS Lauro Lacerda d’Ávila, professor do Centro de Ciências da Comunicação.

“A palestra deu uma luz para discutir o trabalho como categoria central e normativa da vida, como a essência da vida. As categorias apresentadas sustentam muito bem isso”.

AVISOS DA COORDENAÇÃO

Avaliação e planejamento

No último dia 9 de dezembro, a coordenação do IHU reuniu-se durante todo o dia no quiosque da Residência Conceição para avaliar as atividades do Instituto em 2003 e planejar as ações para 2004. O encontro foi baseado nas discussões ocorridas durante a última reunião da coordenação do IHU em Garibaldi, ocorrida de 27 a 29 de julho de 2003.

Atenção!

Esta é a última edição do **IHU On-Line**, neste ano de 2003. Publicaremos um próximo número no dia 12 de janeiro de 2004. Este número discutirá o tema: *até que ponto os Fóruns Sociais Mundiais realizados até hoje contribuíram para a construção de uma nova esquerda?* Depois, o boletim voltará a ser publicado no dia 1º de março de 2004. A página do IHU, www.ihu.unisinos.br, voltará à atualização diária no dia 1º de março de 2004.

IHU REPÓRTER



Maria Iverní Oliveira

Maria Iverní Oliveira é natural de Humaitá, RS, a família foi migrando à procura de trabalho até chegar a São Leopoldo. Atualmente, dona Maria é uma das responsáveis pela comida que é servida diariamente no Restaurante Alternativo da Unisinos. Orgulha-se de sua profissão de cozinheira, emociona-se ao falar da família, especialmente de seu filho adotivo e lembra com carinho do único presente que ganhou em sua infância. Com a ternura de uma mãe e a força de quem aprendeu a enfrentar situações difíceis, dona Maria conta sua rotina, lembranças e sonhos.

Origem- Nasci em Humaitá, na região da colônia. Fui a primeira de três irmãos. Meu pai era operário, soldador e minha mãe doméstica. Quando completei dez anos, fomos para Cruz Alta e depois viemos para São Leopoldo. Meu pai era natural de São Sebastião do Cai e nunca se acostumou com a lavoura, por isso fomos migrando até ele encontrar trabalho numa firma de ferramentas, aqui em São Leopoldo.

Lembranças- Nasci numa família muito pobre. Não tínhamos brinquedos, nem muito costume de brincar. A minha brincadeira ou passeio diário era levar todos os dias a marmita para meu pai no trabalho. Morávamos numa pensão. Meus pais trabalhavam todo o dia, eu e meus

irmãos ficávamos numa creche de operários dirigida por irmãs. Como eu já era grande, ajudava a cuidar das crianças. De noite, meus pais nos buscavam.

Formação- Estudei no colégio Visconde. Na época, os professores nos levavam na Igreja Matriz e nos preparávamos para a primeira comunhão, íamos no horário de aula. Depois completei o segundo grau no Pedrinho [Colégio Pedro Schneider]. Hoje encontro na Unisinos alguns dos que foram meus professores no Pedrinho.

Família- Casei há 33 anos com Clodomar Oliveira. Ele agora está aposentado. Era metalúrgico e trabalhou também no comércio. Temos três filhas e um filho adotivo. Patrícia, 33, cursa História na Unisinos, é casada e tem dois filhos. Letícia, 26, é dona de casa, também é casada e tem dois filhos. Deise, 22, é autônoma, borda, vende produtos da Avon enquanto não consegue trabalho. E Gustavo, 9, é meu filho do coração. Sua mãe verdadeira deu para minha filha Letícia quando ele nasceu. Ela cuidou dele durante os primeiros anos, depois ela casou, teve sua primeira filha e foi morar longe. Aí Gustavo quis ficar conosco e chama a mim e meu marido de mãe e pai.

Profissão- Estou completando 9 anos de trabalho na Unisinos. Antes trabalhava em Novo Hamburgo, mas ganhava muito pouco. Tinha deixado meu currículo aqui e me chamaram. Recebi o telegrama uma hora mais tarde do horário marcado para comparecer na Unisinos e perdi a vaga. Pouco tempo depois, me chamaram de novo e desde então trabalho aqui como cozinheira.

Dia-a-dia- Chego aqui lá pelas 7h50min, ponho o uniforme, bato meu cartão, lavo as mãos, passo gel e ponho as luvas. Aí começa a jornada. Eu sou responsável pelas sobremesas. Há comidas que deixamos preparadas desde o dia anterior, como o feijão e outras. Somos duas cozinheiras: eu para o RA, e outra colega para o RU. Às 10h chega uma terceira cozinheira e temos duas ajudantes. É bastante trabalho, mas a gente se vira, é rotina, uma ajuda a outra.

Livro- Gosto de ler romances.

Filme- Na época em que ia ao cinema, não perdia um filme de Elvis Presley ou de Teixerinha.

Nas horas livres- Durante o intervalo no serviço, ligo para casa, para saber como está meu filho e ter novidades de meu marido. Ele não está bem de saúde. Fora do trabalho, gosto de ficar em casa, conversar com as filhas e os netos, tomar chimarrão. Não gosto muito de passear ou visitar os vizinhos.

Um presente- O mais importante presente é o que Deus me deu: saúde e trabalho, o demais não é tão importante.

Momento mais feliz- Quando ganhei uma boneca. Meu único presente, muito especial, porque ganhei de minha mãe. Lembro que, naquele dia, chovia muito e havia enchente. Eu apertava a boneca no meu peito e caíram seus óculos e foram levados com a correnteza.

Unisinos- Um lugar muito bom de trabalhar. Sinto-me bem aqui dentro, realizada em fazer o que faço.

IHU- Eu entrei aqui pela primeira vez para inscrever o neto de uma vizinha nas aulas de computação. Só sei que é um setor que ajuda as pessoas carentes. Hoje estou entrando pela segunda vez.

Sonho- Morar numa chácara bem grande quando me aposentar. Sair da cidade.

Meu Clássico

Prof. Dr. Valério Cruz Brittos responde.

*O professor Dr. Valério Cruz Brittos, do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos, comenta sobre os autores que tiveram influência em sua caminhada profissional. É Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde defendeu a tese intitulada "Capitalismo contemporâneo, mercado brasileiro de televisão por assinatura e expansão transnacional". É graduado em Jornalismo e em Direito, mestre em Comunicação Social, autor de **Recepção e TV a cabo: a força da cultura local** (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001) e organizador de **Comunicação, informação e espaço público: exclusão no mundo globalizado** (Rio de Janeiro: Papel & Virtual, 2002).*

Qual é o autor (es) que mais influenciou a sua formação intelectual?

Sem dúvida, o autor que exerceu maior influência sobre minha trajetória intelectual foi Marx. Dialogando e criticando as formulações sobre a realidade até então, ele faz um deslocamento que o torna atual, mesmo nos dias de hoje. Independentemente de "aplicações" de suas reflexões e longe de leituras simplistas, Marx deve ser absorvido ao revelar as contradições do capitalismo e o quanto este deixa suas marcas no todo social. Defendo uma leitura marxiana, que posicione a economia como forte ordenadora das diversas áreas sociais e introjete a diversidade cultural, a importância da religiosidade e o quanto a Igreja pode contribuir na construção de uma sociedade mais justa e solidária, justamente por serem valores intrínsecos ao cristianismo. O legado frankfurtiano (primeira geração) também teve importância na estruturação de minha visão de mundo, principalmente Adorno. A Escola de Frankfurt hoje, em regra, tem sido diretamente descartada, enfaticamente na Comunicação, com o que não concordo. Embora considere que haja equívocos no pensamento frankfurtiano - na medida em que as ligações histórico-econômicas, com as forças de poder, referem-se a toda a produção cultural, não só a midiática, havendo, sim, uma gradação de ênfase nessa vinculação - entendo que é fundamental discuti-los ainda hoje, permanecendo relevantes suas principais considerações sobre a industrialização da cultura.

Quais os autores que mais respondem às suas inquietações atuais?

Além do próprio Marx - trabalhado como idéias estruturantes e que devem ser dialogadas com outros autores, e não absorvidas dogmaticamente, reconhecendo-se que há toda uma produção de conhecimento desde a edição primeira de suas obras que não pode ser desprezada, assim como deve ser absorvida a experiência humana contemporânea - interessam-me particularmente autores que trabalham a inovação tecnológica, afastando seu impacto isolado na sociedade e inserindo-o em meio às forças sociais. Nesse sentido, Patrice Flichy é um autor que explica a mídia, descartando o determinismo tecnológico, tão presente no mundo científico atual. Flichy nos ajuda a ver como a inovação desenvolve-se também a partir de novas utilizações para um mesmo bem ou um direcionamento para uma determinada potencialidade não explorada do produto, num movimento em que o processo de uso, por parte dos consumidores, é muito importante, tendo em vista o modo de financiamento, a regulação e

os projetos empresariais. Para se compreender a formatação de chamadas TICs, as tecnologias da informação e da comunicação, também é muito rica a contribuição do economista austríaco da primeira metade do século XX Joseph Schumpeter e todo o desdobramento em torno de suas contribuições. A internet e mesmo a televisão digital devem ser encaradas como inovações schumpeterianas, que, ao contrário da invenção ou criação pura, só manifestam-se quando conseguem impor-se no interior do sistema econômico, fazendo nascer um processo de "destruição criadora".

Quais os autores contemporâneos que lê com mais atenção?

Dos autores contemporâneos, dedico-me especialmente aos que pesquisam os processos de comunicação, da mídia, como Vincent Mosco, Armand Mattelart, Nicholas Garnham, Giuseppe Richeri, além de prestar atenção ao que escrevem pensadores como Jürgen Habermas, Fredric Jameson, Patrice Flichy, Antonio Negri. Garnham, por exemplo, tem uma reflexão importante sobre o papel dos veículos de comunicação como entidades econômicas, com funções econômicas diretas e indiretas, criando mais valia de ambas as formas. Já Mosco oferece um caminho de diálogo da Economia Política da Comunicação inclusiva, voltada para as relações de poder presentes na produção, na distribuição e no consumo midiáticos, ao mesmo tempo em que abre para o diálogo com outras correntes teóricas, como os Estudos Culturais, o que considero fundamental, como um encontro de trocas nas duas vias. Enfim, preocupo-me essencialmente com autores que trabalham as Ciências Sociais em seu potencial crítico, que não pode ser substituído por visões pragmáticas.

Sala de Leitura

Confira o que estão lendo os nossos colegas da Unisinos



O livro que estou lendo é *Vida e Época de Michael K.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 211p. O autor é um romancista sul-africano, J.M. Coetzee. Eu o descobri quando da divulgação do ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 2003. Ele ganhou o prêmio pelo livro *Desonra*, que pretendo ler na seqüência. *Vida e Época de Michael K* foi escrito em 1983 e conta a história de um negro sul-africano da Cidade do Cabo que sofre as limitações da guerra e busca a liberdade na vida rural. Na sua trajetória, passa a viver em determinadas áreas (campos de "prisioneiros") que eram mantidas pelo regime totalitário, em que era obrigado a viver e trabalhar em situações extremamente precárias, até começar a adoecer. O autor consegue passar o aceite e, ao mesmo tempo, a revolta pelo regime social, político e econômico imposto e a busca pela liberdade.

Janaina Ruffoni, graduada em Ciências Econômicas e mestre em Administração pela UFRGS, coordenadora do curso de Ciências Econômicas da Unisinos.



Estou lendo um livro escrito por J.Habermas, R. Rorty, G. Vattimo, M. Theunissen, G. Figal, R. Bubner, E. Teufel y U. Gumbrecht. *El ser que puede ser comprendido es lenguaje.* Prólogo e tradução de Antonio Gómez Ramos. Madrid: Editorial Sintesis, 2003. 139 p. O livro foi elaborado em homenagem a Hans-Georg Gadamer, recentemente falecido. A frase enigmática de Gadamer "Sein, das verstanden werden kann, ist Sprache" é submetida a vigorosas reflexões e interrogações por parte desse grupo seletivo de filósofos. Não há como estudar hermenêutica sem (tentar) compreender o sentido da frase. O mundo é linguagem. Somente temos acesso às coisas do mundo via linguagem. Mas ela não abarca tudo. Sempre há algo que

fica fora. Talvez por isso se deva ler a frase, colocando especial ênfase sonora na palavra “pode”. Para se ter uma idéia da polêmica, Vattimo chega a colocar uma vírgula a mais na frase traduzida para o italiano e para o espanhol.

Lenio Luiz Streck . Graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela UNISC, mestre e doutor em Direito pela UFSC e pós-doutor pela Universidade de Lisboa. Professor do Programa de Pós-Graduação em Direito da Unisinos.

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Coordenadora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montaño (soniam@icaro.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Profª Mardilé Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuinfo@poa.unisinos.br . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@poa.unisinos.br . Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS